
EDUCAÇÃO FÍSICA

ISABELLA C. BACCI FREIRE

**VISÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO SOBRE A
HOMOSSEXUALIDADE NO ESPORTE**



Rio Claro
2017

ISABELLA C. BACCI FREIRE

VISÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NO ESPORTE

Orientador: SURAYA CRISTINA DARIDO

Co-orientador: ALINE FERNANDA FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de. Licenciada em Educação Física.

Rio Claro
2017

796.019 Freire, Isabella Camilli Bacci
F866v Visão da Folha de São Paulo sobre a homossexualidade no esporte /
Isabella Camilli Bacci Freire. - Rio Claro, 2017
34 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientadora: Suraya Cristina Darido
Coorientadora: Aline Fernanda Ferreira

1. Esportes - Aspectos sociológicos. 2. Homossexualidade no esporte.
3. Mídia. 4. Orientação sexual. 5. Gênero. I. Título.

Dedico aos meus avôs, em especial José Manir Bacci e Evani Chagas de Oliveira, que lá de cima espero que se orgulhem e cuidem de mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me dar forças pra chegar até aqui, só eu e ele sabemos o quão difícil foi.

Agradeço aos meus pais que me apoiaram, cuidaram, e fizeram o possível e o impossível para que eu pudesse estar aqui hoje. Agradeço meu pai Luciano que mesmo no começo não entendendo porque eu não poderia estudar na minha cidade, me apoiou e me ajudou a correr atrás da documentação e dos meus sonhos. Agradeço imensamente a minha mãe Rosângela, mulher forte, guerreira e ao mesmo tempo sensível que só ela, obrigada mãe por me trazer até aqui, por me apoiar e por me fazer forte e livre o suficiente para querer bater asas sozinhas mesmo longe do conforto dos seus braços. Ao meu irmão Matheus, que muitas vezes e muitas vezes não sabe, mas me fez e faz refletir sobre muita coisa e com isso colaborou para o meu crescimento pessoal, não falo muito, mas te amo mano. E agradeço a todos os meus outros irmãos Lucianinho, Fefe e Duda, que mesmo crescendo longe de mim enquanto eu estava fazendo a facul eu tenho carinho e amor e espero que quando crescerem possam seguir os caminhos que queiram assim como eu o fiz, e podem ter certeza de que estarei lá por vocês.

Agradeço aos meus avós, a todos, que mesmo não estando mais aqui fazem parte da pessoa que sou hoje e que quero ser amanhã. Mas principalmente a Vó Vani e ao Vô Zé Bacci com quem cresci ao meu lado por boa parte da minha vida, e que eu sei que adorariam estar aqui hoje e participar da minha formatura e não o puderam, mas que sei que enquanto em vida se orgulharam de mim, a neta que foi fazer faculdade fora hahaha !! Amo vocês, que ainda estão em meu coração e pensamento.

Agradeço também a todas as minhas tias queridas, Rosana, Rosemeire, Rita, Luci e Marcia, ao meu tio Marcelo e claro aos meus primos queridos, com quem cresci junto, em especial minha prima/irmã Jéssica, seguimos caminhos diferentes dos que traçamos a muitos anos atrás, mas o importante é que isso não nos separou ou diminuiu nosso amor uma pela outra. Sempre vou me lembrar daquele telefonema que eu estava com vontade de te fazer e quando o fiz, recebi a notícia mais surpreendente e linda de que a Luna estava para entrar em nossas vidas. Amo vocês duas, mesmo que de longe !!

Agradeço ao seu Dito e sua filha Helo da pensão por ter me ajudado no meu primeiro ano pelas terras Rio Clarenses.

Agradeço a minha melhor amiga de longas e longas datas Flavia que mesmo com a distância nos mantivemos firmes e fortes nessa amizade, quando nos vemos nem

parece que ficamos meses sem nos falar, e que assim continue. Obrigada por me apoiar e me ouvir em tudo.

Agora agradeço o que tenho mais orgulho de ter conquistado nestes sete anos de UNESP, meus amigos e amigas.

Agradeço a Rep. Melhor de 3 formação 1 (Débora, Bruna e Dands) com certeza a formação que mais se entendia, era incrível como nem reunião de rep a gente precisava fazer hahahaha!! E todas as outras pessoas que vieram morar depois Edi, Marcelle, Marília e a melhor Bixete segundo fontes seguras Anne (Largada) hahaha !! Agradecimento especial a bolotinha (fraca, poá, bruna) pela parceria mais que especial em casa, nos roles, nas horas boas e difíceis de todos esses anos. Dizem que se ultrapassar 7 anos de amizade tem mais chance de durar a vida toda, ainda bem que chegamos até aqui, vai ter que me aturar!!

Agradeço claro aos amores da minha vida, aos amores que essa UNESP me trouxe Letucia e Mobral, meus companheiros de crakudice, de roles, insanos ou de roles de índio. Meus amores, vocês eu quero e vou levar pra vida toda, nunca vou esquecer aquele carnailha que iríamos passar 5 dias juntos e estávamos pensando que iríamos nos matar até o final, mas nos demos super bem e só serviu para fortalecer mais ainda essa amizade-amor hahaha. Amo vocês, obrigada por mostrarem todos os dias que a melhor coisa é sermos nós mesmos e termos amigos para compartilhar isso.

Agradeço as minhas lindas do 2011 raiz, Gabizinha, Migué, Mimi, Lodder, Sara e Bruna pelas risadas, comidas, roles e brejas, bora armar roles na praia a vida toda suas lindas.

Agradeço por fazer parte mesmo que tenha sido por poucos 3 anos da melhor família que essa UNESP respeita, FUTSAL FEMININO UNESP RC mais conhecidas como vacas!! Obrigada por me mostrarem tudo que isso significa pra vocês e permitirem que tivesse significado para mim também! Obrigada por me tirar da torcida pra me por em quadra dentro do maior e melhor—"Porque nossos adversários não conhecem nosso coração..." Agradecimento especial a minha linda irmãzinha de antes do futsal, mas que agora mais que nunca está na minha vida pra ficar Mairazinha meu amor, bora tomar uma ?! hahaha

Agradeço também ao Handebol Feminino Unesp RC, que foi meu time no primeiro ano e continuará sendo o time que mais torço no handebol de longe, vocês são fodas e merecem todas as conquistas.

Agradeço a turma de 2011 que entre idas e vindas, amores e desamores continua sendo a minha turma. E como não poderia ser diferente, é a turma que continua mesmo depois de sete anos a comparecer nos roles em peso, turma mais velha/rolezeira da atualidade!! Hahaha Um agradecimento especial a turma 1 meu primeiro amor nessa UNESP.

Agradeço também as minhas Reps preferidas e do coração, Rep Devassas, Rep Pocas e Boas e mais atualmente Rep. Fita, a todas as pessoas que moram ou moravam e que fizeram da minha vida um eterno churras ou uma eterna pool party !!

Agradeço aqui também as minhas veteranas queridas e preferidas Letucia, Carolzinha, Thaysinha, Thaisa, Samira e Naty, fizeram do meu primeiro ano muito mais divertido e inesquecível, serenata peão melhor serenata de todas.

Agradeço também a Marie, pequena grande mulher que tem o coração maior do mundo e me ajudou mais do que eu poderia merecer ou imaginar. Você é foda menina, quando crescer quero ser assim que nem você hahaha Faça o que te faz feliz e não te cause dor, apenas.

Agradeço aos meus colegas de trabalho do Chopp e Cia e do Cia Paulista Pub, sempre bom trabalhar e depois beber uma com vocês. E claro aos meus chefes Gustavo, Mario, André e Tata por me darem uma chance e confiarem no meu serviço.

Agradeço a minha co-orientadora Aline Fernanda Ferreira que apesar de passar meses sem notícias minhas quando eu aparecia ela estava sempre disposta a me ajudar, sem ela esse trabalho nunca teria saído, muito obrigada.

Agradeço também claro a minha professora querida e orientadora Suraya Darido, por me aceitar como orientanda, por ter me escutado quando precisei e me ajudado a crescer tanto na facul quanto na vida, obrigada por esse tema Su.

Muito obrigada a todos e todas eu nem estou acreditando que finalmente estou entregando isso. Bora formar !!!! hahahahaha

Resumo

Atualmente a sociedade, em todos os seus âmbitos tem visto um aumento na discussão sobre homossexualidade, diversidade, preconceito, respeito às diferenças e busca pela igualdade de gêneros. O esporte como um fenômeno social não está longe da discussão, de acordo com o levantamento do site Outsports, especializado na cobertura de esportes, voltada ao público gay, os Jogos de Londres 2012 contaram com a participação de 23 atletas homossexuais assumidos. Número maior do que o registrado em Atenas 2004 (11) e Pequim 2008 (10), mas ainda considerado muito baixo num universo de 10.500 competidores. A mídia por sua vez possui papel essencial, espaço político com capacidade de formar valores, propagar ideias e influenciar comportamentos. A mídia desempenha, historicamente, um papel duplo: por um lado, pode atuar como instrumento estratégico na construção de uma cultura de respeito aos direitos humanos; por outro, muitas vezes, reproduz e legitima violações desses direitos, fortalecendo, assim, a constituição de uma sociedade baseada no preconceito e na opressão. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar como o jornal Folha de São Paulo, sendo um veículo de comunicação trata a homossexualidade no esporte, considerando as matérias dos últimos 5 anos, para que assim possamos entender melhor os conflitos entorno da homossexualidade no esporte ao longo dos anos. Para isso foi feita uma análise documental que é constituída pelo exame de matérias que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados com vistas a uma interpretação nova ou complementar, ou seja, as fontes primárias. Pudemos ver através das análises, que o lado positivo de expor as questões homossexuais no esporte é justamente levantar questionamentos e empoderar aqueles atletas que ainda se sentem inseguros para assumir sua sexualidade. Enquanto, o ponto negativo de algumas matérias, é o equívoco em muitos discursos tratando como “homossexualismo” – onde o sufixo “ismo” remete à doença – e a repetição de enunciados somente para fazer da orientação sexual do/a atleta um espetáculo, aparentando serem exóticas as dissidências.

Palavras Chaves: Mídia. Homossexualidade no esporte. Orientação sexual. Gênero.

Sumário

1. Introdução.....	7
1.1 Objetivo.....	12
2. Gênero, educação e homossexualidade.....	12
3. O esporte e a Homossexualidade.....	19
4. Método.....	24
5. Resultados.....	25
6. Considerações Finais.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

1. Introdução

Para entender sobre as questões que rodeiam a homossexualidade nos dias atuais é preciso que façamos uma reflexão acerca de como essa construção social foi realizada. Refletir sobre tal assunto nos leva a perceber como a sexualidade humana foi construída em cima de alguns parâmetros que vemos até os dias atuais, sendo permeadas de enunciados e símbolos inventados historicamente, com processos e rupturas.

Antes, precisamos entender que as questões sobre a sexualidade humana vão além do biológico, diferente de alguns animais que tem na relação sexual apenas a propagação da espécie, o ser humano usa esta relação para a busca do prazer; sendo uma busca orgânica e, ao mesmo tempo, engendrada ao que Michel Foucault chamou de “dispositivo da sexualidade¹”. Como dispositivo, a sexualidade é tanto uma construção de linhas de forças, quanto uma invenção de subjetividades de acordo com a historicidade dos enunciados que a cercam [DELEUZE, 1996].

Conceitos como “homossexual”, “heterossexual” e o próprio discurso da sexualidade detalhado e clínico surgiu a partir da repressão sexual iniciada no século XVII, sendo anteriormente enunciados inutilizados, apesar de sua prática ser antiga – ora despudorada e ora silenciosa, de acordo com o poder da época e lugar. Pois, a partir do período de repressão, também se criou o período de invenção de rótulos para vigilância e disciplina dos corpos.

Não somente foi ampliado o domínio do que se podia dizer sobre o sexo e foram obrigados os homens a estendê-lo cada vez mais; mas, sobretudo, focalizou-se o discurso no sexo, através de um dispositivo completo e de efeitos variados que não se pode esgotar na simples relação com uma lei de interdição. Censura sobre o sexo? Pelo contrário, constituiu-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia. (FOUCAULT 1999, p. 26.)

Historicamente, a prática sexual homo foi constatada na antiguidade, na Grécia e em Roma. Estudos mostram que relações entre pessoas do mesmo sexo foram vivenciadas por romanos, egípcios, gregos, assírios, dentre outros. Além da estética em volta do homoerotismo², havia um ritual envolvendo a transmissão e a aquisição de

¹ Entende-se que a sexualidade como vivenciamos não é algo natural e sim um dispositivo, ou seja, uma complexa construção de enunciados mutáveis ao longo da História, linhas de subjetividade e composição de relações de forças para sustentar ou desassociar os regimes de poder que atravessam nossos corpos e saberes (DELEUZE, 1996).

² Nome masculino. Relacionamento erótico, sem ser obrigatoriamente sexual, entre pessoas do mesmo sexo. Infopédia (2003).

sabedoria, podendo representar os mais altos valores de uma cultura (DOVER, 1994). Nesse sentido, compreende-se que as relações sexuais não eram hierarquizadas por meio de uma distinção entre aqueles que praticavam e optavam pelos hábitos homossexuais e/ou heterossexuais (SALGADO, et al. 2007).

Foi a partir da era cristã, por influência da igreja Católica, que se criou uma ideia de que o sexo entre iguais era um pecado, uma perversão, conceito este que permeia a atualidade. Vemos então que neste período os relacionamentos sexuais eram vistos sobre um olhar religioso e o sexo começou a ser visto apenas para procriação.

Tal visão começou a mudar a partir do século XIX, no qual o foco era mais voltado à ciência, e, portanto, as relações, sobretudo as homossexuais, começaram a ser vistas com um olhar biológico.

Foi através do especialista em higiene que o Estado imiscuiu-se no interior das famílias. Com livre trânsito nesse espaço outrora impenetrável à ciência, o médico-higienista acabou impondo sua autoridade em vários níveis. Além do corpo, também as emoções e a sexualidade dos cidadãos passaram a sofrer interferências desse especialista, cujos padrões higiênicos visavam a melhorar da raça e, assim, engrandecer a pátria. A partir da ideia de corpo saudável, fiel aos ideais de superioridade racial da burguesia branca, criavam-se rigorosos modelos de boa conduta moral, através da imposição de uma sexualidade higienizada, dentro da família. Acreditava-se que a libertinagem enfraquecia as nações. (TREVISAN 2000, p. 172.)

Sendo assim, o ódio ao homossexual ganhou respaldo da ciência e do Estado que queriam moldar a sexualidade através do biológico, buscando na genética o que determina ser ou não ser homossexual. Apenas em 1973 que a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade da lista da Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento, ou Classificação Internacional das Doenças Mentais (CAETANO, 1993).

Temos que entender, porém, que a sexualidade não trata apenas do biológico, ou pessoal, mas também é algo político e social. A construção das subjetividades e estudos de gênero e sexualidade em diversas áreas acadêmicas estão emergindo naquilo que alguns pensadores apontam como “ciência pós moderna”.

Enquanto a política moderna tinha como palco o Estado e visava à conquista ou à manutenção do poder estatal, a política pós-moderna tem como palco a sociedade civil e visa à conquista de objetivos grupais ou segmentares. Os sujeitos da nova política não são mais cidadãos, mas grupos, e seus fins não são mais universais, visando ao interesse geral, mas micrológicos. (ROUANETt1987, p. 273.)

Individualmente e como grupos múltiplos e micropolíticos, as “pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de imediato, precisando ser desvelado” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNADJER, 1998, p.131).

Porém, ao contrário dos valores e ideais que temos na sociedade atual, os jovens estão cada vez mais cedo vivenciando sua sexualidade, se tornando pais e mães, se casando, se descobrindo e se assumindo homossexual. Vemos que é crescente o número de casais do mesmo sexo com uniões estáveis e longas, com isso precisamos entender que a forma como se caracteriza uma família mudou, porém, o pensamento da sociedade não se modificou na mesma proporção. Todas essas transformações afetam a forma como vamos viver e construir nossa identidade de gênero, e nossa sexualidade.

Considerar a sexualidade como algo “natural”, é o mesmo que dizer que todos vivemos e nos utilizamos da sexualidade da mesma forma tirando assim o sentido de se discutir a mesma num modo social e político. Para Louro (2000, p. 6)

[...] a sexualidade, envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente.

A cultura determina como deve ser o feminino e o masculino, como devemos exercer nossa sexualidade, nossos prazeres, através de discursos. Criamos através destes discursos historicamente estabelecidos uma norma, e espera-se a que todos a sigam para a manutenção da ordem pré estabelecida. No contexto em que vivemos esta norma é o homem branco, heterossexual, de classe média e cristão. Estas normas levaram a antropóloga Gayle Rubin³ a defender a existência de uma “pirâmide erótica” dentro da sociedade ocidental – ou seja, uma estratificação de castas sexuais onde o gênero e a sexualidade ficam nitidamente divididos, onde o homem normativo é seu topo e abaixo dele está a mulher normativa, sendo abaixo dela diversas castas em que se encontram as pessoas dissidentes da norma (RUBIN, 1975). Sendo assim, quem está estratificado culturalmente abaixo da norma bem vista, é marginalizado, recriminado, visto como “anormal” e demais zombarias.

³ Antropóloga estadunidense pós estruturalista que dialoga com Michel Foucault, Audrey Lorde, Monique Witting. Seu livro sobre a teoria das castas sexuais é chamado “Pensando sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade” (1975).

Na prática, podemos ver e sentir como incomoda a manifestação pública da homossexualidade. Revistas, filmes, bares, músicas ou qualquer tipo de expressão quando ligada a homossexualidade é fortemente criticada.

Com isso muitas vezes as marcas e os meios de comunicação não querem se ver ligados ao que foge a norma heterossexual, e simplesmente ignoram o tema, propagam discursos cheios de “verdades absolutas” e preconceito. Fato que podemos ver, por exemplo, em programas humorísticos que sempre mostram o ser homossexual de uma forma ridicularizada e estigmatizada.

A mídia é um veículo que favorece discursos, colocando de maneira enfática os conceitos que defende. Muitas vezes ela evidencia a heteronormatividade⁴ e reforça a homossexualidade de uma forma estigmatizada. Este discurso é propagado sem questionamentos e reflexões, a norma heterossexual se utiliza da mídia para determinar o que deve ou não ser aceito. Assim é discutido, por exemplo, se um beijo gay pode ou não estar na capa de uma revista ou durante uma cena de novela.

O esporte, assim como a mídia, também é um fenômeno carregado de muitos preconceitos, como a homofobia e o machismo, que estão sempre lado a lado. Segundo Almeida e Soares (2012, p. 315) a arena esportiva permanece como uma das “[...] maiores instituições segregadoras de gênero das culturas ocidentais”.

A participação de mulheres nos esportes sempre foi contestada, desde épocas antigas onde a fragilidade, a maternidade e o ambiente altamente dito masculino eram os motivos para sua exclusão. Nos dias atuais, mesmo as mulheres participando de quase todas as modalidades de alto rendimento ainda encontram-se contestadas tendo a todo momento provar que tem o direito de ocupar esta esfera, que tem competência e que este ambiente não é apenas masculino. Isso se dá graças à ideia que a sociedade ainda faz da mulher comportada, feminina, frágil e maternal, esta ideia imposta de como a mulher deve ser e se comportar não cabe mais em nenhum ambiente, incluindo o ambiente esportivo.

As diferenças na forma como são criados meninas e meninos ajudam a tornar o esporte um ambiente cheio de preconceitos. Os meninos, por exemplo, são ligados ao futebol desde crianças, já, para as meninas se ligarem ao futebol elas necessitam estar entre os meninos ou praticamente serem consideradas “meninos”. Infelizmente as

⁴ Nome feminino. Perspectiva que considera a heterossexualidade e os relacionamentos entre pessoas de sexo diferente como fundamentais e naturais dentro da sociedade, levando por vezes à marginalização de orientações sexuais diferentes da heterossexual. Infopédia (2003).

pessoas atribuem a prática de muitos esportes a homossexualidade tanto de meninas (ex: futebol), quanto de meninos (ex: vôlei) devido justamente a essa forma de criação e socialização diferenciada entre os gêneros. Espera-se então, que a menina que pratica futebol seja um “menino”, e na maioria dos casos ela é estigmatizada como lésbica. Com isso, vemos também a dificuldade que as pessoas têm em diferenciar identidade de gênero, orientação sexual e o simples gosto pela prática de tal esporte.

A masculinidade no esporte ainda nos dias atuais tem tanta força que é complicado pensar no homossexual usufruindo deste espaço. Porém, vemos através de um levantamento feito pelo site Outsports, que é especializado na cobertura de esportes voltado para o público gay que, os Jogos de Londres 2012 contaram com a participação de 23 atletas assumidos. Número maior que em Atenas 2004 (11) e Pequim 2008 (10), mas ainda considerado muito baixo em um universo de 10.500 atletas. Para que os/as atletas pudessem expressar livremente sua sexualidade seria necessário que eles/as tivessem um respaldo tanto social quanto psicológico, além desta discussão ser realizada nos espaços educativos, e não permitir que haja qualquer tipo de discriminação, o que não vemos acontecer já que a sociedade o condena. A mídia tem um papel importante também, como, por exemplo, ter um posicionamento mais forte e evidente sobre o assunto e tratar de forma repressora falas preconceituosas contra atletas, treinadores e qualquer outra pessoa que possa estar envolvida.

O não questionamento sobre como a mídia propaga discursos que enfatizam a heteronormatividade nos deixa com uma lacuna a ser preenchida, faltam estudos que trate, discuta e reflita sobre a importância da mesma na não naturalização de comportamentos homofóbicos. E isso passa pelo entendimento da visão atual que a mídia, mais especificamente neste estudo a mídia esportiva, tem sobre o tema, como ela trata o assunto e quais discursos estão sendo enfatizados.

É importante questionar os discursos que a mídia propaga, pois isto pode contribuir para que os pensamentos, as ideias e os valores da sociedade mudem, indo de encontro à naturalização da heteronormatividade e conseqüentemente combatendo comportamentos homofóbicos em diversos ambientes inclusive no ambiente esportivo ajudando assim, atletas a expressarem livremente sua sexualidade sem medo de serem julgados.

1.1 Objetivo

O objetivo deste trabalho é analisar como o jornal Folha de São Paulo trata a homossexualidade no esporte, considerando as matérias dos últimos cinco anos, para que assim possamos entender melhor os conflitos entorno da homossexualidade no esporte ao longo dos anos pela visão de um grande veículo de comunicação capaz de formar opiniões.

2. Gênero, educação e homossexualidade.

Até a primeira metade do século XX a escrita da História e teorias sociais e filosóficas foi pautada em verdades absolutas dadas pela elite normativa partindo do lugar social do homem, a abertura de análises discursivas e estudos abrangendo sexualidade, práticas sócio-culturais, etnias, religiosidades e classes sociais foi uma resposta de grupos sociais e filosóficos ao darwinismo social⁵ e à filosofia estruturalista⁶ que vigorava no Ocidente.

No campo dos estudos sobre a sexualidade e com as primeiras inserções das mulheres na historiografia, o termo “sexo” foi considerado por feministas anglo-saxãs raso e científico para descrever as relações entre os homens e as mulheres, pois este não leva em consideração o que é socialmente construído sobre ambos e era utilizado para distinguir homens, sexo masculino, e mulheres, sexo feminino, de uma forma biológica. A partir destas contestações e construções teóricas, o termo “gênero” foi inventado a fim de "rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual" (SCOTT, 1995, p. 72).

Não pretende-se com isso negar a biologia, mas também trazer a construção social e histórica para o debate. Segundo Louro (1997, p. 22)

⁵ O darwinismo social tem como grande mentor o filósofo inglês Herbert Spencer, no qual baseado na “Origem das Espécies” de Darwin, defende que na História da Humanidade sobreviveram os “mais aptos” para a evolução. Mediante o colonialismo, as guerras territorialistas, a soberania masculina sobre as mulheres, assim como a importância discursiva burguesa cristã para com o sexo procriativo – ou seja, entre homens e mulheres – esta filosofia sustentou movimentos como a eugenia e o higienismo, resultando em uma repressão e uma fiscalização entre pessoas, em busca de uma punição para os dissidentes dos padrões enunciados.

⁶ O estruturalismo foi mentado por Levy Strauss e tem como base os estudos dos povos através de estruturas pré-determinadas e linguísticas, irrigadas com regras fixas e variáveis. Em resposta, surgiram filósofos pós-estruturalistas, tendo em seus principais nomes Gilles Deleuze e Jacques Derrida – com forte influência em Nietzsche –, em que reconhecem nas teorias tradicionais e suas verdades absolutas um grande senso de autoritarismo por parte daqueles que os retém e exclusão de diferentes lugares sociais na História.

As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.

Como ser homem ou como ser mulher é pré- definido através de regras, modos de se portar e com quem se relacionar – ou seja, com o sexo oposto, o que leva essa pré definição ser chamada por feministas e estudiosas de gênero como “heterossexualidade compulsória”. Todos nós aprendemos estas regras e sabemos como um homem e uma mulher deve “ser”, ou seja, somos criados através de múltiplas linhas de subjetivação e relações de forças a fim de reafirmar a norma, dominando nossos saberes e cuidados de si dentro de um sistema de biopoder. A respeito do biopoder, que é conceito chave para este trabalho,

(...) essa série de fenômenos que me parece bastante importante, a saber, o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder. (FOUCAULT, 2008, p. 3)

Através das tecnologias disciplinares do biopoder, com vigilâncias sociais, psicológicas e discursivas, a política deixa de ser algo não-físico e macro, para ser bio e micro. Assim, é dado o controle da natalidade, mortalidade, vestimentas de acordo com o gênero, normas comportamentais e sexualidade. Foucault chama esta rede de vigilância de “máquina Panóptica”, em que as instituições e grupos são capazes de treinar, retreinar, modificar comportamentos e direcionar aprendizados em indivíduos. O sistema panóptico⁷ é utilizado em fábricas, Igrejas, antros familiares, veículos

⁷ Pan-óptico foi um termo originalmente cunhado pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785 para descrever uma penitenciária ideal. É um edifício central onde controlava os corpos na instituição, permitindo aqueles que estavam dentro dele verem sem serem vistos, com garantia de observação total. Este método era eficaz em sua disciplina porque os presos nas celas sempre tinham a certeza que havia vigilantes observando, independente se houvesse ou não. Isto fazia com que eles próprios se vigiassem e tomassem governabilidade dos seus corpos em prol das normas penitenciárias. Foucault, em *Vigiar e Punir*, associou o conceito de Bentham aos mecanismos de poder feitos para

mediáticos e experiências pedagógicas, com mecanismos de ordens tão psicológicas que mediante o adestramento, o indivíduo não mais precisa de vigias – ele também se torna seu próprio vigia.

O sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever e se reinstruir através de operações constantes de repetição e recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (PRECIADO, 2014, p. 22)

A naturalização dos corpos “corretos” e disciplinados se dá pelo mecanismo da repetição, seja ela direta e verbalizada ou simbólica e inconsciente – como majoritária (ou única) presença de casais heterossexuais em novelas e filmes, músicas objetificando mulheres pela visão do homem patriarcal, exemplos e mandamentos religiosos e atividades pedagógicas e omissões da discussão além do gênero binário e além da (hetero)sexualidade em salas de aula.

Não somente enquadrados na norma, os padrões sexuais e de gênero tornam-se fortes e ferozes, assim as suas dissidências tornam-se amedrontadas, tristes e enfraquecidas. A pessoa que desvia dos dispositivos padrões possui seu modo de ser, de sentir e amar, marginalizado e com forte risco até mesmo de vida, de substância em meio ao modo burguês cristão.

O fio da faca que esquarteja, ou o tiro certeiro nos olhos, possui aliados, agentes sem rostos que preparam o solo para esses sinistros atos. Sem cara ou personalidade, podem ser encontrados em discursos, textos, falas, modos de viver, modos de pensar que circulam entre famílias, jornalistas, prefeitos, artistas, padres, psicanalistas etc. Destituídos de aparente crueldade, tais aliados amolam a faca e enfraquecem a vítima, reduzindo-a a pobre coitado, cúmplice do ato, carente de cuidado, fraco e estranho a nós, estranho a uma condição humana plenamente viva.⁸ (BAPTISTA, 1999)

controlar os corpos através de uma série de dispositivos, deste modo, os vigilantes e vigiados deixam de ser indivíduos com rostos e particularidades, para serem “corpos sem órgãos”.

⁸ O texto “A atriz, o padre e a psicanalista – os amoladores de faca”, escrito em 1999, é uma crítica ao genocídio social que diariamente assassina jovens negros e toda a população pobre. Ao falarmos de dissidências discursivas e marginalizações sociais, apesar deste trabalho estar se referindo diretamente à população LGBTQBT, também estamos incluindo mulheres, negras, indígenas, pobres, deficientes físicos e toda a gama que não se enquadra no homem, branco, burguês, heterossexual, cristão. Não há como teorizar críticas e conceitos ou praticar qualquer ativismo sobre os dispositivos da sexualidade sem pensarmos e dialogarmos com os demais dispositivos históricos.

Com sobrevivência em discursos subalternos e tornando as próprias linhas afetivas uma resistência e afronta à heteronormatividade, podemos lembrar aqui que, no ano de 2016, o Brasil foi recorde em número de LGBTTT assassinados em todo o mundo⁹ – totalizando 347 mortes ao longo do ano. Tendo em vista que as construções identitárias são construções sócio históricas, toda a máquina de preconceitos e ódio que pulsa na sociedade contra suas dissidências também é construída através das sociabilidades e culturas – o discurso que legitima a heterossexualidade compulsória e todo conjunto que desencadeia a heteronormatividade, também legitima toda a rede de aversão e repúdio que chamados de homofobia. Nós todos performamos¹⁰ nossas existências baseadas nos modelos pré-concebidos de gênero, alimentando – ou afrontando – a heteronormatividade compulsória e binária, para a teórica *queer* estadunidense Judith Butler. Odiar ou repudiar a dissidência do heteronormativo, dentro de muitos discursos que vigoram todo o tempo, é uma forma de afirmar sua virilidade, no caso dos homens, ou de afirmar sua feminilidade e, de certa forma, seu respeito aos bons costumes, no caso das mulheres.

Butler compartilha pensamentos e conceitos de Foucault e Derrida ao elucidar que o (cis)gênero binário é tão performático quanto o *queer*, pois não existe um sexo “natural”, mas sim uma naturalização discursiva do sexo através do mecanismo de repetição, fazendo com que o corpo não necessariamente expresse seus desejos e trejeitos, mas performe algo já existente, um padrão já moldurado – praticando uma heteronormatividade para além da própria orientação sexual, ou seja, reafirmando discursos já conhecidos, e em muito pejorativos, como “tudo bem ser gay, o problema é ser viado”.

Assim, a Educação representa um importante pilar para a instrução, repetição e construção de discursos que se materializarão ao longo da história dos grupos e indivíduos em forma de afetividades e práticas sociais. A formação de indivíduos dentro do ambiente escolar perpassa a construção de saberes vista em livros e textos para uma construção de saberes performáticos através dos discursos e imagens, onde o gênero binário é naturalizado e performatizado. Dado o tempo que passamos dentro das escolas

⁹ Levantamento dado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), mais antigo órgão no Brasil em apoio, monitoramento e defesa de pessoas LGBTTT no país, que constatou o maior recorde de assassinatos contra a população LGBTTT em 37 anos de pesquisa. Porém o próprio GGB aponta nesta que este número é subnotificado, pois faltam estatísticas oficiais.

¹⁰ A performance de gênero se dá pelo processo de repetição e este “é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” [BUTLER, 2008, p. 200].

e as marcas que criamos da sua convivência – construções de identificação psicológica e física, mutabilidades na autoestima e confiança de si –, é inegável que as escolas são instituições base para a construção de dispositivos do poder.

Numa escola pública brasileira predominantemente feminina, os métodos foram outros, os resultados pretendidos eram diversos. Ali nos ensinavam a sermos dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas. [...] Por isso, possivelmente, as marcas permanentes que atribuímos às escolas não se refletem nos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia-a-dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual. (LOURO, 2000, p. 19).

O olhar panóptico, dentro dos muros escolares, é exercido por todo o corpo docente, corpo administrativo, instrutores (psico)pedagógicos, inspetores e alunos. A maneira como você é permitido se portar e se expressar se dá pelo lugar social daqueles que compõe a escola, suas normas e valores, sua localização geográfica, sua colocação socioeconômica e seu direcionamento religioso predominante. Deste modo, a predominância das forças institucionais representa a si e aos outros, ditando inclusive a força da marginalização e segregação daqueles que não correspondem ao padrão esperado. Algumas escolas permitem o uso de bonés, correntes, e a não necessidade do uniforme completo – como vemos, geralmente, em escolas públicas periféricas ou escolas de caráter próximo ao libertário – e outras, ainda, não permitem o uso de batom ou jeans e nem que as alunas se apresentem de unhas pintadas ou os alunos usem brincos dentro dos domínios escolares – como vemos em algumas escolas regidas por alguma instituição religiosa, em geral composta por um nicho específico de pessoas. Assim, os mecanismos do dispositivo de sexualidade variam de acordo com a atmosfera escolar, tornando-se em alguns casos mais dificultoso e em outros, mais tranquilo o exercício e admissão da sua identificação de gênero e da sua orientação sexual.

As marcas com que esse dispositivo se dá ultrapassam o ambiente escolar e dominam toda a vida dos grupos e indivíduos. Lugares de lazer onde outros estudantes frequentam, espaços de convivência comunitária ou a própria rua como um todo é uma expansão do sistema panóptico e reverbera aquilo que é visto dentro da escola. Os discursos de sexualidade se expandem e reforçam seus caracteres de formação, o empoderamento das dissidências sexuais vistas nas ruas tem a capacidade de ultrapassar os muros da escola e ser aspecto transformador na dinâmica da sala de aula; assim como

as zombarias por parte dos discursos de ódio e heteronormativos possuem a capacidade de reprimir sexualidades e performances de gênero dissidentes, castrar a vontade de potência dos corpos se expressarem, sufocar afetividades e, em última instância, tirar vidas inteiras.

É pela linguagem do Ensino que meninas desde muito novas aprendem que quando falam que “os alunos que acabarem a lição podem ir para o recreio” *elas* estão inclusas – ou omitidas, silenciadas –, assim como as lésbicas e gays, ou aqueles que não se identificam com a heteronormatividade, se sentem excluídos, confusos e ridicularizados pela linguagem utilizada (LOURO, 1997) – quantas vezes não ouvimos de nossos próprios professores e colegas de escola os adjetivos, em tom pejorativo, como “viadinho”, “sapatão”, “traveco”, entre outros? Em geral, os homossexuais admitidos entre os grupos normativos dentro do ambiente escolar são aqueles que são “enrustidos” ou correspondem à heteronormatividade sendo homens gays masculinos ou mulheres lésbicas femininas – ambos cisgêneros .

O Ensino, assim como a História e os discursos que transitam dentro dela, não possui neutralidade – ele está a serviço do poder daqueles que estão no topo da hierarquia, abafando a voz dos demais grupos. A própria programação pedagógica e o currículo escolar possui intrinsecamente o biopoder em suas entrelinhas,

Artefato político e produção cultural e discursiva, o currículo é campo de permanentes disputas e negociações em torno de disposições, princípios de visão e de divisão do mundo e das coisas – especialmente das que concernem à educação escolar e às figuras que povoam o mundo da escola e redefinem seus sentidos e reconstruem seus significados. Espaço de produção, contestação e disputas, abriga relações de poder, formas de controle, possibilidades de conformismo e resistência. (JUNQUEIRA, 2013, p.483)

A biopolítica da heteronormatividade compulsória se apresenta na omissão dos discursos LGBTT, no tabu sobre o sexo homoafetivo ou a existência da pessoa transgênero durante as aulas de sexualidade, na divisão pré escolar entre “meninos” e “meninas”, na caracterização obrigatória dos estudantes, na linguagem patriarcal majoritariamente utilizada, nos brincados, piadas homofóbicas e exemplificações heterossexistas, entre outras coisas vistas cotidianamente. Deste modo, os currículos na prática são dispositivos que fazem circular discriminações e preconceitos contra todos aqueles que fogem da “normalidade” [JUNQUEIRA, 2013]. Por meio do incentivo e naturalização da dicotomia do “normal” e do “anormal” em todos os meios pedagógicos, a educação estratificada torna-se uma pedagogia da injúria, omitindo e

amedrontando estudantes a exporem o que são quando fogem da “normalidade”, ou até mesmo afastando alunos de descobrirem seus próprios corpos e prazeres, tornando-se também uma “pedagogia do armário”.

Tais “brincadeiras” ora camuflam ora explicitam injúrias e insultos, jogos de poder que marcam a consciência, inscrevem-se no corpo e na memória da vítima e moldam pedagogicamente suas relações com o mundo. [...] A pedagogia do armário interpela a todos(as). Ora, o “armário”, esse processo de ocultação da posição de dissonância ou de dissidência em relação à matriz heterossexual, faz mais do que simplesmente regular a vida social de pessoas que se relacionam sexualmente com outras do mesmo gênero, submetendo-as ao segredo, ao silêncio e/ou expondo-as ao desprezo público. (JUNQUEIRA, 2013, p.485)

Devido à sexualidade e as performances de gênero não possuem dissociação com o corpo físico – mesmo nos casos de disforia de gênero¹¹ estão ligadas à própria pele e órgãos –, a disciplina de Educação Física é, ainda, a maior ostentação de discursos heterossexistas e homofóbicos, deixando a sutileza segregadora vista nas demais disciplinas. Não raro ouvimos gritos e sentenças em quadras escolares dizendo “Jogue feito um macho!”, “Não seja uma mulherzinha!”, “Parece um viadinho jogando!”, entre outros. São nas quadras escolares que se afirma em muitos casos a segregação e marginalização, além da naturalização dos corpos “saudáveis” e “estranhos”, como no caso de meninos afeminados, meninas masculinizadas e crianças com questões de deficiência física serem excluídos ou não bem quistos nas escolhas de times feitas por demais estudantes ou até mesmo nas atividades e discursos expressas pelo/a educador(a). Em um estudo realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), de Marcelo Rosa, alunos do 1º ao 7º períodos em licenciatura de Educação Física foram entrevistados sobre suas concepções a respeito da relação entre esta disciplina na escola e os estudos de gênero. Neste estudo, o pesquisador identificou vários sentidos comuns, preconceitos, aversões e o que ele chamou de “homofobia velada” – por trás do “respeito”, havia um distanciamento afetivo e físico, além de visível aversão, ao sujeito homossexual. O ponto positivo da pesquisa, segundo o autor, é que a maior gama de preconceitos estava nos alunos do 1º semestre, demonstrando

¹¹ Disforia de gênero é também conhecida como “transtorno de identidade de gênero” (seu antigo termo, quando ainda era considerado uma patologia anterior à 2012), quando o corpo físico, principalmente a genitália, não corresponde com a sensação psíquica e a identificação de gênero da pessoa – causando desconfortos cotidianos com seu próprio corpo. É decorrente em pessoas transgêneras e não é ligada à orientação sexual, podendo a pessoa com disforia ser homossexual, heterossexual ou bissexual.

uma desconstrução de discursos nos alunos do 7º período – que estavam próximos de tornarem-se docentes.

O que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições. Não se trata de substituir certos termos por outros. Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação. (PRECIADO, 2014, p. 29).

Mesmo com poucos estudos sobre as relações de gênero, a homossexualidade e a educação física, em contrapartida com o *boom* de estudos feministas e *queers* sobre gênero e sexualidade nas demais áreas, podemos constatar a importância deste debate para a desconstrução de conceitos enraizados, desnaturalização de discursos e maior humanização nos profissionais e docentes desta área. É justamente pela escassez de pesquisas e estudos que temos a necessidade de produzir estes trabalhos, produzindo novas formas de linguagem que abrangem grupos além dos normativos – em questão de gênero, raça, classe e credo – combatendo o biopoder vigente a fim de combater discriminações, afastamento de estudantes das atividades físicas e as demais vergonhas construídas ou aversões com seus próprios corpos. É através da mudança da linguagem, da revisão dos discursos, que a pedagogia da injúria se modifica, ainda que lentamente, à pedagogia agregadora.

3. O esporte e a Homossexualidade

Como dito anteriormente, a relação dos corpos com seus processos de identificação se dá através dos discursos, dos mecanismos e tecnologias do biopoder que nos atravessam. É através das construções históricas que consolidamos os conceitos de beleza, saúde, desempenho físico, virilidade e feminilidade. É através dos discursos que normatizamos ou segregamos corpos. E, com isso, inserimos as práticas esportivas como meios para os dispositivos do poder serem postos em prática – assim como ocorre com as práticas pedagógicas.

Os estudos de gênero e sexualidade na historiografia esportiva se deram somente após os anos 80, com o início dos estudos de gênero e da inserção das mulheres como sujeito histórico na própria historiografia – foi um movimento heterogêneo e que, a priori, colocou as mulheres como centro de debates e somente décadas depois, os estudos sobre os homossexuais e a teoria *queer* criaram forças. Ainda assim, há poucos

estudos sobre a mulher nas práticas esportivas até atualmente, assim como os estudos sobre homossexualidade na área.

A inclusão tardia do gênero como uma ferramenta analítica na pesquisa historiográfica acerca do esporte pode sugerir um entendimento tácito de que este representa um campo fortemente associado a pensamentos e ações que simbolizam o masculino e, como tal, seriam mais resistentes à mudanças. [...] Ainda que seja possível visualizar uma produção acadêmica orientada nesta direção, os estudos sobre gênero e esportes produzidos no Brasil carecem ainda de uma maior potencialização, quando comparados com a produção internacional da área. (GOELLNER, 2013)

É justamente devida essa simbologia majoritariamente masculina e viril que os estudos sobre homossexualidade se tornam tão importantes na área da Educação Física e esportiva. Segundo Goellner, os estudos sobre masculinidades nos esportes ainda são hegemônicos, mantendo-se distantes das masculinidades presentes em esportes como a dança rítmica ou aeróbica e patinação – esportes tais que remetem à fragilidade.

Esse padrão acontece nesta área porque as práticas e discursos sexistas e heteronormativos são enraizados e dialogam com os signos sociais construídos histórico-culturalmente, logo, se o padrão discursivo é branco, viril, heterossexual e cristão, as práticas sociais – como o esporte – seguirão inevitavelmente estes mesmos mecanismos. Para Manske; Ferrari; Orsi; Laszuk; Postai (2006),

Pensar o esporte desde uma perspectiva cultural seria, primordialmente, entendê-lo como uma prática social que é produzida por sujeitos de uma mesma cultura, os quais partilham modos semelhantes de atribuir sentidos a este acontecimento.

Historicamente, o esporte moderno surgiu com Thomas Arnold em 1828, na Inglaterra¹², enquanto este exercia a direção do Colégio de Rugby. Arnold utilizou dos jogos físicos feitos pela aristocracia burguesa da época, unindo métodos de educação e com a prática, regras dos jogos surgiram de forma autônoma. Em semelhança aos jogos antigos gregos – que eram manifestações esportivas voltadas à religiosidade e

¹² Segundo Tubino (1987), há algumas divergências teóricas sobre a origem do esporte moderno. A teoria aqui utilizada é a do historiador Ulmann, referindo-se ao esporte como uma construção cultural e necessária para firmar a moral social, sendo um fenômeno sociológico e cultural. Entretanto, há outras teorias que apontam o esporte como uma necessidade biológica, como a de Eppensteiner (1973), que se refere ao esporte como uma necessidade do instinto lúdico em conjunção ao movimento e luta. Já a teoria dos historiadores norte americanos Van Dalen, Mitchel e Bennet, o esporte, desde os primórdios é uma resposta ao instinto pedagógico, uma vez que sua formação possui um caráter educativo.

Tubino (1987) aponta três pontos em comum entre as teorias: a) que o componente psicossocial fundamental do esporte é o caráter competitivo; b) que o esporte, desde o início colocado sempre na perspectiva do progresso do homem, necessita de uma visão interdisciplinar; c) que o esporte moderno, ao delimitar-se pelas regulamentações e codificações, supõe um autocontrole, que se constitui num dos princípios básicos da convivência humana.

festividades -, Arnold adotou a tríade básica de o esporte ser: um jogo, uma competição e uma formação.

Essas características, segundo Ulmann, se aproximam às dos gregos antigos. Apenas quanto à formação do, homem, o esporte não é compreendido do mesmo modo, pois Arnold colocou o esporte a serviço da ação moral, oferecendo ao corpo a função de ajudar o homem a obedecer à lei moral. (TUBINO,1987, p. 19)

Deste modo, o corpo torna-se um agente da moralidade, um meio com que a moral se mantém e se reverbera, enquanto o esporte torna-se um auxiliar do corpo – diferente das manifestações esportivas gregas em que o esporte deveria resplandecer a beleza do corpo, que dialogava e espelhava a beleza da alma, não tendo a necessidade de ser um meio moral.

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. (FOUCAULT, p. 82).

Uma vez que o esporte tornou-se auxiliar dos corpos, e os corpos agentes da moral, torna-se evidente que a prática esportiva também possui um caráter que se engendra ao biopoder, modelando e direcionando corpos para o autocontrole, a norma estética, o desempenho físico e a força.

Ainda que diferente do que conhecemos hoje, uma herança das manifestações esportivas gregas é a ideia de que somente corpos específicos – isto é, dentro das normas dominantes – são olímpicos e potentes esportivamente, pensamento excludente para corpos femininos, afeminados e frágeis. Esta memória discursiva se acentuou fortemente no início do século XX com as práticas eugenistas¹³ para a anulação dos corpos que não eram considerados saudáveis, deste modo, nos governos em que a supremacia racial era um foco, o esporte foi foco de grande investimento e propaganda¹⁴.

¹³ “Desenvolvido pelo inglês Francis Galton, o discurso eugênico estava assentado na tese de que o papel da hereditariedade era fundamental para a formação de "tipos humanos diferenciados" e, conseqüentemente, para a degeneração. Sob a orientação dos cientistas, caberia ao Estado estimular a união entre casais com saúde perfeita (eugenia positiva) e determinar os grupos dos "anormais" ou degenerados, restringindo-lhes o casamento ou mesmo esterilizando-os (eugenia negativa).” (ALVES, 2007).

¹⁴ Ver o filme “Homo sapiens 1900”.

Mesmo que as políticas discursivas tenham mudado após a queda do muro de Berlim (FOUCAULT, 2014) e, podemos também dizer, no caso do Brasil, após a dissolução da ditadura civil-militar, o ambiente esportivo continuou sendo um ambiente sexista e heteronormativo até a atualidade. Para Butler (2004), a agressividade e masculinidade associada aos esportes em conjunto com a heteronormatividade impede a prática de qualquer um que esteja ligado à mulher ou ao homossexual, pois os mesmos são tidos como incapazes, frágeis e femininos. Apesar de ser considerada uma vitória para os LGBTTs que a Olimpíada do Rio de Janeiro (2016) tenha sido considerada a Olimpíada mais gay da História, com 43 atletas assumidos no total – o dobro da Olimpíada de Londres, em 2012 –, ainda é um número pequeno perto dos 10,5 mil atletas totais presentes em todos os jogos¹⁵.

Pelo tabu da fragilidade, o ambiente esportivo ainda possui uma resistência com as questões de gênero, como dito anteriormente. Os esportes femininos ainda não possuem as mesmas chamadas midiáticas, o mesmo clamor popular e quiçá a mesma remuneração. Estas desigualdades dentro da arena esportiva são reflexos de uma matriz sexista e patriarcal enraizada em tempos anteriores ao início dos jogos modernos. Sendo claro, também, que o (re)pensar do gênero e da sexualidade – assim como da própria prática sexual – muda conforme as políticas vigentes e seus dispositivos. Tanto a questão da sexualidade quanto a questão do gênero e suas desigualdades e fobias, dentro e fora dos esportes, é explicada pela antropóloga Gayle Rubin como uma “pirâmide erótica”:

Sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais de acordo com um sistema hierárquico de valores sexuais. Heterossexuais maritais e reprodutivos estão sozinhos no topo da pirâmide erótica. Clamando um pouco abaixo se encontram heterossexuais monogâmicos não casados em relação conjugal, seguidos pela maioria dos heterossexuais. [...] Casais lésbicos e gays estáveis, de longa duração, estão no limite da respeitabilidade, mas sapatões de bar e homens gays promíscuos estão pairando um pouco acima do limite daqueles grupos que estão na base da pirâmide. As castas sexuais mais desprezadas correntemente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos, e abaixo de todos, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais. (RUBIN, p. 15-16, 2012).

Ou seja, Rubin traz à luz que as questões sexuais e afetivas – além da questão do gênero feminino, que está diretamente ligada ao pensamento patriarcal – influenciam categoricamente a forma com que o sujeito será encarado por toda a sociedade. A

¹⁵ Ver < https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470774769_409560.html >

sexualidade que é um aspecto da vida privada sai da zona íntima para entrar na zona pública, no olhar panóptico. E é através das escolhas individuais, das linhas subjetivas, que o sistema panóptico irá punir o sujeito, através de silenciamentos, ofensas, falta de financiamentos e oportunidades, ou irá tomar o sujeito como exemplo a ser seguido. A noção de “pirâmide erótica” trata da hierarquia do sexo como um todo, envolto por todos dispositivos e historicidades até estratificar, ou promover rupturas, no pensamento atual. E pensar este conceito, ainda que usada em áreas de antropologia e psicologia, também é repensar a área dos esportes e do tratamento com os atletas.

Para criar uma potencia política e fugir da marginalidade das dissidências, em 1982, surgiu nos Estados Unidos o “Gay Games”, uma Olimpíadas somente para atletas dissidentes do discurso heteronormativo.

Na esteira dos efervescentes debates sobre identidades sexuais pós-revolução, no entanto, os Gay Games se materializaram como uma proposta diferenciada, que pretendia dar visibilidade e ação para atletas e outros sujeitos excluídos do cenário esportivo mainstream. Mais do que provocar a “saída do armário” (coming out) da sexualidade de um atleta, os jogos propunham-se ser um espaço de celebração da diversidade sexual – termo não tão em voga naquele momento histórico. (CAMARGO, 2016)

Por conta da marginalização e falta de financiamento da matriz heterossexual, os atletas dissidentes precisaram criar novos lugares de existências, diferentes espaços físicos que se assemelham com os espaços físicos normativos, porém se afastando dos conceitos errôneos de que a sexualidade e o gênero dissidente influenciam negativamente o desempenho físico e sua potência.

Assim como nos Estados Unidos, é comum a comunidade LGBTTT não ter espaço na grande mídia e nos financiamentos esportivos, assim como sofrer ataques homofóbicos no Brasil, a não aceitação de homossexuais nos esportes, as piadas pejorativas de todo o time e sua torcida quando um jogador se assume gay. Ainda que não há uma revelação da homossexualidade, a simples suspeita dela ou a dissidência da heteronormatividade – que pode também ser o caso de heterossexuais não corresponderem as performances de gênero esperas. Como é o caso do futebolista Richarlyson, em que a mídia suscitou várias manchetes e se aproveitaram de fofocas por conta dos seus trejeitos afeminados, sendo alvo até mesmo de perseguição – transformando suas performances em piada, desdém e adjetivos pejorativos não só contra o jogador, mas contra todo o time e seus torcedores.

Não raro, ouvimos piadas em estádios e gritos de torcidas com as palavras “bicha”, “viado”, entre outros. Enquanto há exacerbação da voz ofensiva por parte de torcedores – e até mesmo não torcedores –, também há um silenciamento por parte da mídia e da comunidade de atletas não somente em “sair do armário” quanto ainda também por apoiar e criar novos discursos que subvertem o discurso de ódio vigente, embora haja indícios de que as formas discursivas estão mudando e as atitudes estão sendo voltadas à inclusão das dissidências sexuais e de gênero no esporte.

4. Método

Para a realização deste estudo optamos pela análise documental que é constituída pelo exame de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados com vistas a uma interpretação nova ou complementar, ou seja, as fontes primárias (NEVES, 1996; SILVA; GRIGOLO, 2002). São considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (PHILLIPS, 1974). Estes incluem desde leis e regulamentos, normas e pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros e estatísticas e arquivos escolares (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

No presente estudo utilizaremos as matérias dos últimos 5 anos do jornal Folha de S. Paulo. A Folha é hoje o jornal brasileiro de maior tiragem e circulação entre os diários nacionais de interesse geral. O jornal foi criado em 19 de fevereiro de 1921 por Olival Costa e Pedro Cunha primeiramente com o nome “Folha da Noite” e dando originado depois ao, “Folha da Manhã” e “Folha da Tarde”, apenas em 1º de janeiro de 1960 é que os três títulos se fundem e surge o jornal Folha de S. Paulo. Atualmente este possui uma versão on-line com 19 editorias de conteúdo com acesso livre na internet, a Folha.com que conta com uma audiência de 17 milhões de visitantes únicos e 173 milhões de páginas vistas por mês. O jornal impresso tem a seguinte tiragem, segundo os números auditados pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação): Circulação paga - Agosto/2015 aos domingos: 344.022 exemplares; dias úteis: 316.860 exemplares; média de Seg. a Dom: 320.741 exemplares.

Para desenvolver a análise documental, o jornal será acessado via internet, por meio de um cadastro que permite realizar buscas mais específicas e também ter acesso a um maior conteúdo. As matérias escolhidas para análise serão as que pertencem ao

caderno de esportes e que de alguma maneira trate do tema homossexualidade. Período escolhido foi de 01 de janeiro de 2011 à 01 de janeiro de 2016 totalizando 5 anos.

5. Resultados

O objetivo central deste trabalho é analisar a forma com que a homossexualidade é tratada na grande mídia. Sabendo que a escrita discursiva se dá por meio da discursabilidade social de sua época, e que por de trás desta escrita há um(a) redator(a), é implícito que as matérias midiáticas não sejam neutras ou imparciais. Elas estão informando, mas também dialogando com o leitor, preenchidas pelos discursos já impostos sobre sexualidade, gênero e corpos.

O propósito desta análise documental é justamente construir uma fonte, ter uma visão, de como, e se, a sociedade mudou em relação à homossexualidade nos esportes no período de tempo analisado, culminando não somente na mudança da mentalidade social, mas também na prática social de formas concomitantes.

Para isso, vamos ver aqui uma análise do caderno de Esportes da Folha de São Paulo no período de 1º de janeiro de 2011 a 1º de janeiro de 2016. Durante estes cinco anos foram encontrados 27 matérias envolvendo homossexualidade no esporte. Na análise, vamos ordenar da mais antiga para a mais recente – sendo a primeira do dia 6 de abril de 2011 e a última análise será a matéria do dia 05 de março de 2015.

Segue tabela para facilitar uma ampla visão ao leitor e, após, a discussão das reportagens e maior explicação sobre cada uma.

Título	Assunto	Data
Vi um ginásio inteiro gritando 'bicha', diz Michael.	Após se assumir homossexual, o meio de quadra do Vôlei, Michel, sofreu gritos homofóbicos de toda arquibancada.	06/04/2011
Homofobia vira debate nos playoffs na NBA.	A matéria trata de uma multa paga pelo ala pivô do Chicago Bulls, Joakim Noah, por chamar um torcedor de “viado”	25/05/2011
A bola é a menor das protagonistas na Copa feminina de futebol.	Trata-se do impedimento de mulheres lésbicas participarem da seleção da Nigéria na Copa feminina	26/06/2011

	de 2011.	
Torcedores aceitam jogadores gays, diz pesquisa inglesa.	É uma reportagem a respeito de um estudo inglês, realizado com maioria britânica, em que é apontado sobre torcedores aceitarem jogadores gays em seus times.	01/06/2012
Medalhista olímpico em Sydney-2000 revela ter vírus da Aids.	O medalhista Ji Wallace assumiu ter o vírus HIV positivo.	09/08/2012
Ativistas pedem que campeões mundiais de rúgbi se revelem gays.	Ativistas da Nova Zelândia pedem que campeões mundiais de rúgbi do país se assumam gays para fortalecer o movimento LGBTT.	06/01/2013
Liga de hóquei no gelo anuncia medidas de apoio aos jogadores gays.	A NHL anunciou um conjunto de medidas de apoio para os atletas homossexuais.	12/04/2013
Agora, anti-gays precisam ficar no armário, diz Navratilova após declaração de pivô da NBA.	É informado que Jason Collins, pivô da NBA, foi o primeiro atleta da NBA a se assumir gay ainda em quadra.	30/04/2013
Após revelar que é gay, pivô da NBA se surpreende com ligação de Obama.	O pivô da NBA, Jason Collins recebeu a ligação do então presidente norte americano Barack Obama para parabenizá-lo pela coragem de se assumir gay.	30/04/2013
COI pede explicações à Rússia sobre lei antigay.	O Comitê Olímpico Internacional refutou a Rússia sobre a lei antigay e pediu explicações como ficariam os atletas homossexuais durante a Olimpíada de Inverno.	09/08/2013
Homossexual assumido, norte-americano volta ao futebol para quebrar preconceito.	O jogador de futebol norte americano Robbie Rogers volta à jogar para quebrar preconceito contra LGBTTs.	13/10/2013
Campeão olímpico assume ser gay após convocação dos EUA para Jogos de Inverno.	Trata-se do anúncio do ex-patinador artístico norte-americano Brian Boitano sobre ser gay, dias após ser nomeado integrante da delegação dos Estados	20/12/2013

	Unidos que irá aos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, realizado em Sochi.	
Ex-jogador da seleção alemã assume homossexualidade.	O assunto é sobre Thomas Hitzlsperger, o ex meio-campista da seleção alemã entre 2004 a 2010, que assumiu sua homossexualidade e tornou-se o primeiro jogador de renome da Alemanha a assumir-se gay.	08/01/2014
Zagueiro Alex cria polêmica na França ao criticar homossexuais.	O então zagueiro brasileiro do Paris Saint-Germain, na França, Alex, causou uma polêmica devido uma afirmação mostrada em uma reportagem para o Canal Plus sobre a influência da religião no esporte.	09/01/2014
Primeira árbitra a apitar jogo da NBA anuncia casamento com outra mulher.	A matéria é sobre o anúncio do casamento da primeira árbitra a apitar jogo da NBA, Violet Palmer.	31/07/2014
Corinthians divulga manifesto e pede fim de grito de 'bicha' em tiro de meta.	A reportagem é sobre uma nota-manifesto divulgada pelo Corinthians contra xingamento homofóbico vindo dos seus próprios torcedores. O xingamento em questão era o grito de “bicha” durante o tiro-de-meta.	12/09/2014
Pioneira, Alemanha tem guia para jogadores gays saírem do armário.	O assunto da reportagem é um guia criado na Alemanha para incentivar atletas homossexuais revelarem sua homossexualidade, após uma polêmica na revista “Fluter”.	16/09/2014
Racismo e homofobia possuem a mesma natureza, diz pesquisador.	A reportagem é uma entrevista de nove questões com o pesquisador Wagner Xavier de Camargo sobre a homofobia presente nas arquibancadas, nos	21/09/2014

	esportes em geral, e as medidas para combater os preconceitos.	
Código de conduta veta manifestação homossexual nas torcidas organizadas.	É uma reportagem sobre a necessidade da homossexualidade ser escondida dentro das torcidas organizadas.	21/09/2014
'Minha vida seria mais simples se eu fosse hétero', diz jogadora do Arsenal.	Trata-se de uma carta homofóbica que a jogadora Casey Stone recebeu e postou em seu Twitter junto de um desabafo.	27/10/2014
Já tive namorados, mas hoje sou gay, diz ex-ginasta Lais Souza.	A ex-ginasta Lais Souza se assume lésbica.	10/02/2015
Reações na rede à revelação de Lais Souza vão de apoio à incredulidade.	É uma matéria analisando e discutindo algumas reações de internautas sobre a sexualidade de Lais Souza.	11/02/2015
Patrocinadores pressionam atletas para esconderem homossexualidade, diz pesquisador.	É uma entrevista com estudiosos da área desportiva sobre homossexualidade nos esportes e patrocinadores.	11/02/2015
'Lais teve uma atitude nobre', diz medalhista olímpica gay.	A jogadora de vôlei Larissa França fez uma carta enaltecendo a atitude de Lais Souza em se assumir lésbica.	12/02/2015
Richarlyson diz que cansou de ouvir 'piadinhas' de juízes.	O futebolista Richarlyson reclama de ouvir piadas homofóbicas de árbitros.	05/03/2015

Fonte: elaborado pela autora.

Analisando 25 matérias da Folha de São Paulo durante cinco anos sobre homossexualidade no esporte, é curioso as controversas presentes entre as matérias e os entrevistados. Estudiosos afirmam que assumir-se gay é um peso e um risco para profissionais do esporte, por isso muitos se assumem ao se aposentarem – como afirma o pesquisador Camargo e a professora Almeida na entrevista de fevereiro de 2015 –, e muitos concordam com isto dizendo que a vida seria mais fácil se fossem heterossexuais ou se não existissem, pelo menos, rumores sobre homossexualidade em sua vida – como é o caso da jogadora do Arsenal Casey Stone e o futebolista Richarlyson. Já para a jogadora de vôlei de praia Larissa França, a melhor coisa que ela poderia ter feito foi se assumir lésbica, e ao falar sobre como lidam com sua sexualidade, ela menciona: “Para

mim, é como a relação com um cachorro: se demonstrar medo, ele te morde. Com o ser humano, é a mesma coisa. Se houver medo, nada vai mudar”.

É percebido também um grande problema nas torcidas organizadas, com seus discursos práticos homofóbicos que segregam outros torcedores e silenciam os próprios jogadores, pois o público alvo do capital esportivo é o torcedor, jogadores e times devem agradar a quem financia eles – por mais que hajam patrocinadores, os produtos patrocinados também tem como público final as pessoas que torcem – ou seja, o que há por trás dos gritos de “bicha”, “viado” e demais ofensas que assustam à muitos é reflexo da homofobia presente em toda a sociedade, mostrando na prática as consequências do olhar panóptico estruturada pelos pré conceitos da pirâmide erótica, explicado no capítulo “Esportes e Homossexualidade”.

É visto, deste modo, a vida privada interferir de forma efusiva e fatalista na vida pública do/a atleta, transformando um enunciado como “sou gay” em um divisor de águas, seja de modo positivo ou negativo, e o que mais foi visto é a série de pequenas matérias sobre o mesmo assunto, como notícias de fofocas ou enunciados diferentes para informações repetidas – como as últimas análises, a respeito da ex-ginasta Lais Souza, em que houve três reportagens informando que ela se assumiu lésbica –, passando a impressão das sexualidades dissidentes serem exóticas ou plausíveis de discussão sobre a potencialidade profissional do atleta.

A importância de atletas que assumem sua sexualidade é a de combater a homofobia na linguagem e no discurso prático. Mostrar que eles existem e resistem. O que precisamos é refazer as significâncias da linguagem, mudar os pesos e as medidas dos termos da homossexualidade, transformar “gay”, “lésbica”, “transexual” em resistência, em algo positivo e feliz, não uma ofensa. Muitas entrevistas e reportagens sobre atletas homossexuais que se assumem, afirmam que a capacidade esportiva em nada modifica ou é interferida pela sexualidade.

6. Considerações Finais

Ainda é visto muita resistência com as formas de linguagem e expressões de afeto dissidentes, dificilmente encontramos as palavras “transexual” ou “lésbica” no Caderno de Esportes da Folha de São Paulo ou, até mesmo, nos enunciados das mulheres que se assumem homossexuais. É para isso que se faz necessária a discussão sobre gênero e sexualidade em todas as áreas, ainda mais na área esportiva, já que –

considerando um período de cinco anos – não foram muitas as matérias publicadas sobre homossexualidade nos esportes.

O lado positivo de expor as questões homossexuais no esporte é justamente levantar questionamentos e empoderar aqueles atletas que ainda se sentem inseguros para assumir sua sexualidade. Enquanto, o ponto negativo de algumas matérias, é o equívoco em muitos discursos tratando como “homossexualismo” – onde o sufixo “ismo” remete à doença – e a repetição de enunciados somente para fazer da orientação sexual do/a atleta um espetáculo, aparentando serem exóticas as dissidências.

Durante a análise documental, foram confirmadas as informações teóricas vistas nos dois capítulos desta Conclusão de Curso – o biopoder, presente em cada reportagem; a pirâmide erótica; o olhar panóptico e todos os dispositivos que cercam a questão da sexualidade citados aqui.

Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como ideal refletir sobre a homossexualidade e as dissidências heteronormativas dentro do esporte e na área da Educação Física, como forma não só de reflexão, mas de abertura de ideias para uma maior intersecção entre as áreas dos saberes e conhecimentos humanos. Também como forma de resistência em meio toda a homofobia dentro do país e fora dele, na área desportiva ou nas demais áreas, em combate aos retrocessos e segregações dos grupos dissidentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA; SOARES. **O futebol no banco dos réus: caso da homofobia**. Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 301-321, jan/mar de 2012.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNADJER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

BAPTISTA, L. A. **A atriz, o padre e o psicanalista – Os amoladores de faca**. In: A cidade dos sábios. São Paulo: Summus, 1999.

BUTLER, J. **Problema de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, D. (Org.). **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**. Porto Alegre: ARTMED, 1993.

CAMARGO, W. X. **Esporte, cultura e política: a trajetória dos Gay Games nas práticas esportivas contemporâneas**. Revista USP, São Paulo. nº 108: p. 97-114. janeiro/fevereiro/março 2016. Disponível em:
< <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/118245>>

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: O mistério de Ariana. Ed. Vega – Passagens. Lisboa, 1996. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro.

DOVER, K. J. **A homossexualidade na Grécia antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

DINIS, N. F. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

Folha de S. Paulo “Conheça a Folha de S. Paul – História da Folha”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml>. Acesso em 08 de abril de 2016.

Folha de S. Paulo “Conheça a Folha de S. Paul – O maior jornal brasileiro”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>>. Acesso em 08 de abril de 2016.

Folha de S. Paulo “Conheça o site da Folha – O primeiro jornal brasileiro on-line”. Disponível em:

<□HYPERLINK"http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml"
http://www1.folha.uol.com.br/institucional/folha_com.shtml>. Acesso em 08 de abril de 2016.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988 _____ . **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro : Graal, 1990, 9ªed. Infopédia Dicionários Porto Editora “Heteronormatividade”. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-ao/heteronormatividade%20>. Acesso em 06 de setembro de 2016.

Infopédia Dicionários Porto Editora “Homoerotismo”. Disponível em: </http://www.ehow.com.br/citar-referencia-dicionario-eletronico-seguindo-padrees-americanos-como_63751/>. Acesso em 06 de setembro de 2016.

GOLLNER, S. V. **Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades**. Revista Tempo. Vol. 19 nº 34. Jan. – jun. 2013: 45-52.

JOHNSON, R. **Sexual dissonances: or the "impossibility" of sexuality education**. Curriculum Studies. Vol. 4 (2), 1996.

JUNQUEIRA, R. D. **Pedagogia do armário: a normatividade em ação**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª Belo Horizonte MG: Autêntica, 2000. _____. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós estruturalista**. 6ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUDKE, M.; ANDRE, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio da Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2012a. p. 09-30.

NEVES, L. J. **Pesquisa qualitativa – Características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisa em Administração, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

PEREIRA, W. C. C. Homoerotismo. Janus, lorena, v. 4, n. 5, p. jan./jun., 2007.

PHILLIPS, B. S. Pesquisa social: estratégias e táticas. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1974.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual**. 1ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2014.

ROSA, M. V. **EDUCAÇÃO FÍSICA E HOMOSSEXUALIDADE: investigando as representações sociais dos estudantes do centro de desportos/ufsc**. Revista Motrivivência, n. 19, 2002. Disponível em

< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/962/4336>>

RUBIN, G. **Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade**. UFSC/2012.

RUBIO, K. **As mulheres e o direito ao esporte**. Disponível em:
< <http://jornal.usp.br/artigos/as-mulheres-e-o-direito-ao-esporte/>>

SALGADO, A. C. C.; VAL, A. C. P. do; PINTO, J. V. C. **Ter ou não ter filhos, eis a questão: relacionamento estável de casais homossexuais**. 2007. Relatório de Pesquisa (Graduação em Psicologia) – Universidade Paulista, Araraquara, 2007.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

SILVA, M. B; GRIGOLO, T. M. **Metodologia para iniciação científica à prática da pesquisa e extensão II**. Caderno Pedagógico. Florianópolis, Udescs, 2002.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TUBINO, M. **Teoria geral do Esporte**. São Paulo : IBRASA, 1987.